

# LINGUAGEM E MUNDO NO *TRACTATUS* DE WITTGENSTEIN

**Juan Erle Cunha de Oliveira<sup>1</sup>; Wagner Teles de Oliveira<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: juan.erle@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: woteles@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; mundo; teoria da figuração.

## INTRODUÇÃO

A linguagem em Wittgenstein pode ser entendida, em certo sentido, como uma realidade refratada do mundo, sobretudo das relações entre coisas, e esse ponto de vista implica que a linguagem não é redutível a dados de funcionamento interno independentes, mas da sua relação lógica com a realidade. Não é por outra razão que nos aforismos 1-2.063 do *Tractatus*, Wittgenstein se debruça exclusivamente sobre o mundo, em um movimento que aponta para a noção de objeto simples (2.02). Só em seguida, a partir do aforismo 2.1, a teoria da figuração e a sua relação com estados de coisas (mundo) é posta. O pressuposto aqui subjacente é de que o mundo não se caracteriza como uma totalidade de coisas (1.1), mas como “totalidade dos estados existentes de coisas” (2.040), ou fatos, que são ligações de objetos, determinados por suas formas. Ainda que o objeto seja indizível em sua singularidade e constituinte de um papel relevante na determinação do sentido da proposição, posto que é fixo e substância do mundo (2.0211), Wittgenstein supõe que o objeto contém em sua própria natureza todas as suas possibilidades lógicas de aparecimento em estados de coisas – isto é, a forma do objeto (2.0141). A linguagem, portanto, tem como modelo essa configuração do mundo e, no nível da linguagem, fatos e estados de coisas são figurados: mundo e figuração se enlaçam de uma determinada maneira, a saber, pela forma de afiguração, que consiste “na possibilidade de que as coisas estejam umas para as outras tal como os elementos da figuração .” (2.151), sendo que a estes últimos correspondem aos objetos do próprio mundo. Por fim, é preciso dizer que em Wittgenstein a proposição é uma figuração de uma realidade possível, tendo no seu horizonte, em igual medida, o verdadeiro e o falso. Se “o mundo é a totalidade dos estados existentes de coisas.” (2.040), “a totalidade das proposições é a linguagem.” (4.001), havendo entre mundo e linguagem um ajuste plástico que significa que a última figura o primeiro. Os limites do mundo, que coincidem logicamente os limites da linguagem, só podem ser estabelecidos, se isso for possível, a partir da totalidade dos possíveis estados de coisas, que não são determináveis nem por uma suposta capacidade criadora da linguagem nem por estados psicológicos do indivíduo. É assim que a maneira como o *Tractatus* entende os limites da linguagem conduz a uma questão sobre a relação entre mundo e a linguagem, que se desdobra em termos proposicionais, dando ampla margem para pensar a autonomia da lógica frente ao mundo, haja vista a suposta isomorfia entre os dois domínios, que possibilita o discurso, estruturando-o.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a correspondência entre mundo e linguagem no *Tractatus Logico-Philosophicus* a partir dos conceitos de fato, estados de coisa, proposição e teoria da afiguração. Estabelecemos como ilação arbitrária a orientação de que uma concepção de linguagem amparada no mundo é um pressuposto substancial que se articula com outros conceitos no *Tractatus* em virtude da forma lógica como os aforismos são ordenados. Não obstante, a teoria da figuração e o conceito de proposição merecem especial destaque porque há uma preocupação de Wittgenstein com pressupostos lógicos.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

O *Tractatus* tem uma forma de argumentação bastante peculiar, sendo dividido por proposições numeradas de acordo com o seu peso lógico. As proposições mais destacadas são indicadas por decimais, cuja explicação é fixada nas proposições subsequentes. Observações relativas à proposição *n* formam proposições do tipo *n.1*, que podem ensejar uma proposição *n.m.1* e assim sucessivamente. A definição de qualquer conceito segue, portanto, essa ordem lógica, ao ponto de remontar-se à obra em sua unidade. O estudo foi feito a partir de uma leitura exclusivamente internalista do *Tractatus* e na sequência que o livro se dispõe, não se furtando, contudo, do confronto com comentadores que possivelmente ajudaram a fixar interpretações da obra.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus LogicoPhilosophicus**. 3.ed. 2.reimp. São Paulo: EDUSP, 2010.

A primeira tradução do *Tractatus Logico-Philosophicus* no Brasil foi feita em 1968, aos cuidados de José Arthur Giannotti. Levando em conta que a sua tradução se ressentia da pouca quantidade de material crítico sobre Wittgenstein disponível à época, Giannotti planeja retraduzir a obra, mas acaba por transferir essa tarefa a Luiz Henrique Lopes dos Santos. A matriz para essa nova tradução, publicada pela primeira vez em 1993, é a edição bilíngue alemão-inglês de 1961, traduzida por David Pears e B. McGuinness. Contudo, Luiz Henrique consulta a correspondência Wittgenstein-C. K. Ogden, subsequente à publicação de 1921, de modo a levar em conta diversas sugestões de aperfeiçoamento da tradução em inglês que o autor do *Tractatus* ali expõe aos seus primeiros tradutores – C.K. Ogden e P. F. Ramsey. A qualidade da tradução utilizada por nós se fundamenta na minuciosa consulta das fontes primárias essenciais empreendidas pelo estudioso e tradutor. O estudo crítico que precede a tradução da obra se tornou um clássico da bibliografia secundária em português, razão pela qual é um segundo testemunho da qualidade da fonte primária por nós eleita.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

A linguagem em Wittgenstein é montada em cima do protótipo lógico-ontológico do mundo, não como uma etapa posterior, mas coetânea àquele. Desse modo, a sua capacidade figurativa, isto é, de representar simbolicamente situações possíveis na realidade (2.202), fatos ou estados de coisas, pressupõe um traço comum entre esses dois domínios distintos. O rubicão consiste na seguinte perspectiva: ainda que a linguagem seja uma realidade refratada do mundo, como exposto acima, deve-se levar em conta, contudo, que se trata de uma representação simbólica de fora dos estados de coisas (2.173), restando o problema em saber *como* é possível, ainda assim, esse ajuste entre o linguístico e o ontológico, dois domínios distintos. A incursão antipsicologista e solipsista no *Tractatus* torna totalmente dispensável a mediação de um suposto sujeito empírico no ajuste plástico entre linguagem e mundo.

Na economia do *Tractatus*, esse problema é enfrentado pela figuração. Os fatos, uma situação possível e estados de coisas existentes ou não existentes<sup>1</sup> são figurados, sendo estes verdadeiro ou falso, a depender da subsistência do afigurado. A condição necessária para esta representação simbólica é haver entre figuração e figurado uma mesma forma lógica: “2.18 O que toda figuração, qualquer que seja sua forma, deve ter em comum com a realidade para poder de algum modo – correta ou falsamente – afigurá-la é a forma lógica, isto é, a forma da realidade”. Se no mundo os objetos ligam-se uns com os outros de acordo com a possibilidade lógica de suas formas, esta tessitura corresponde, na figuração da realidade, como é o caso da

---

<sup>1</sup> Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.1; 2.201; 2.202.

proposição, independentemente se é verdadeira ou falsa, à configuração dos sinais simples<sup>2</sup>, as palavras, que estão uns para os outros, de uma determinada maneira. Do mundo às coisas, agora, do ponto de vista da linguagem, é preciso ir da figuração/sinal proposicional aos seus constituintes, sobretudo o nome. Dessa forma, a linguagem mostra a armadura do mundo – este agora como a totalidade dos fatos e situações possíveis – ponto a ponto, através do paralelismo entre os elementos constitutivos do mundo e os constitutivos da proposição. Subjacente a uma função representativa, cabe ressaltar que a linguagem tem também a função de mostrar como é o mundo, como se a linguagem fosse o único caminho de acesso para esse conhecimento. Não se trata somente de figurar a contingência, mas de mostrar a essência do mundo, como diz o aforismo 5.4711: “Especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo”. E, por seu turno, “mundo” já pressupõe linguagem, não podendo falar o que é o mundo sem que se faça uma figuração. Se falar do mundo já pressupõe o uso da linguagem da qual o mundo é caudatário, então é possível falar do “modo de ser dos objetos é feita por analogia com o modo de ser das palavras da proposição”.<sup>3</sup>

Daí que uma proposição elementar corresponde aos estados de coisas, que são os fatos atômicos, se subsistentes, não havendo para além destes qualquer outra relação de objetos, senão os próprios objetos simples. Ou seja, a análise encontra seu fim – do complexo aos fatos atômicos. Para Wittgenstein, “o nome substitui, na proposição, o objeto” (3.22) e essa exigência é condição de possibilidade da relação afiguradora, no sentido de que tem a mesma relação lógica interna com outros constituintes das proposição, como o tem os estados de coisas de que é figuração. O nome refere-se diretamente ao objeto mas o seu significado, não obstante, é elucidado quando empregado na própria proposição.<sup>4</sup>

Dito isso sobre as condições figurativas da linguagem, é preciso agora mostrar como é possível uma figuração falsa com sentido. Para Wittgenstein, uma proposição é sempre bipolar, isto é, pode ser verdadeira ou falsa. Seguindo essa perspectiva do paralelismo entre mundo e linguagem, tem de ser possível figurar um estado de coisas que não existe, sem que isso contrarie todo o estatuto da linguagem. Além de ser bipolar, uma proposição tem um sentido. Ora, o sentido nada mais é do que a representação do possível estado de coisas. Se este último pode ser existente ou não existente sem deixar de ser um estado de coisas, então o valor de verdade de uma proposição é independente de seu sentido.<sup>5</sup> Uma vez atendida todas as exigências lógicas, o fato de uma proposição ser verdadeira, isto é, figurar uma situação que existe, pertence exclusivamente ao empírico, não esquecendo que a lógica é aqui subjacente ao possível.

O sentido, por sua vez, não depende do empírico, é independente ao fato de uma proposição ser verdadeira ou falsa. Se o estatuto do valor de verdade determinasse o sentido de uma proposição, então seria inexplicável saber por que compreendemos uma proposição falsa. Essa distinção incide novamente sobre a hipótese do mundo como efetividade. O mundo em Wittgenstein é do efetivo *e* das possibilidades. Em 4.1, Wittgenstein diz que “a proposição representa a existência ou a inexistência dos estados de coisas”, remontando aos fatos negativos. É característico da proposição poder figurar aquilo que não subsiste, mas tem todas as condições lógicas para subsistir – a probabilidade de existência ou não existência não pertence à lógica. O célebre aforismo 4.024 diz que “entender uma proposição significa saber o que é o caso se ela é verdadeira. (Pode-se, pois, entendê-las e não saber se é verdadeira)”.

---

<sup>2</sup> Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.21.

<sup>3</sup> PINTO, Paulo Margutti. *Iniciação ao silêncio*, p. 179.

<sup>4</sup> Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.3.

<sup>5</sup> Aliás, é essa tese defendida por Edgard D. da Rocha Marques em *Sobrea Distinção entre Tatsche e Sachverhalt no Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*.

Ora, se é característica do estado de coisas existir ou não existir, é preciso um paralelo na linguagem: a proposição continua figuração, pois o sentido é garantido.

É neste sentido que o arco do dizível em Wittgenstein não está submetido a preceitos ontológicos, tampouco ao mundo como campo exclusivo de efetividades e através do qual a linguagem poderia construir o seu fundamento. O que se pode falar não é só o que acontece, mas aquilo que tem possibilidade de subsistir, não por casualidade ontológica, mas por estar de acordo com exigências lógicas. Toda possibilidade é fato lógico – 1.1 “Na lógica, nada é casual: se a coisa *pode* aparecer no estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar prejudgada na coisa”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

O limite da linguagem em Wittgenstein só pode ser traçado no interior da própria linguagem, de modo que aquilo que está além, segundo o autor, é a segunda parte, e a parte mais importante do livro. Mas inefável na medida em que é indizível. O livro se abre apresentando as constituições lógicas do mundo e sobre as quais a linguagem mostra, ao fazer figuração. O livro se fecha, no último aforismo, ao dizer que “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”. Impossível arrolar um 7.1, posto que não se pode falar do que não se pode falar; o silêncio só pode ser entendido, paradoxalmente, no dizível. Neste sentido, uma possível continuação do aforismo 7 é a própria abertura do livro e assim *ad eternum*.

Assim, dentro do dizível o que se pode dizer, pode dizer claramente. Sobre os fundamentos lógicos, estes não podem ser ditos, somente mostrados, pois isso significaria uma operação fora dos limites da linguagem. Dizer que linguagem e mundo em Wittgenstein são coetâneos significa afastar qualquer direito de primogenitura de um sobre o outro, não havendo sequer hierarquia lógica. A linguagem mostra como o mundo é. E mostra sob o ponto de vista lógico.

## REFERÊNCIAS

- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998..
- GRIFFIN, JAMES. **O Atomismo Lógico de Wittgenstein**. Trad. Marina Ramos Themudo e Vítor Moura. Portugal: Porto Editora, 1998.
- HACKER, P.M.S. **Insight and Illusion: Wittgenstein on Philosophy and the Metaphysics of Experience**. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- HINTIKKA, J. **Uma investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papirus, 1994.
- MARQUES, Edgard D. da Rocha. *Sobrea Distinção entre Tatsche e Sachverhalt no Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. São Paulo: Record, 2007.
- MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem: ensaio introdutório**. São Paulo: Moderna, 2000.
- PEARS, David. **As idéias de Wittgenstein**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1971.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: edições Loyola (coleção Filosofia), 1998.
- SALLES, João Carlos. “Algumas Considerações sobre Deus e Suas Circunstâncias”. In: **O Retrato do Vermelho e Outros Ensaio**. Salvador: Quarteto, 2016. p. 105-120.
- SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. “A Essência da Proposição e a Essência do Mundo”. In: **Tractatus Logico-Philosophicus**, Edusp, São Paulo, 2008.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus LogicoPhilosophicus**. 3.ed. 2.reimp. São Paulo: EDUSP, 2010.